

## **5º Seminário Discente da PPGS USP**

GT 9 - Relações raciais, desigualdades e gênero

**As relações de gênero no futebol: Um estudo de caso sobre a sociabilidade feminina dentro da Gaviões da Fiel**

**Marianna Castellano Barcelos de Andrade<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da EFLCH-Unifesp, sob orientação do Prof<sup>o</sup> Dr. Renzo Romano Taddei, e financiamento da CAPES. Contato: [marianna.cbandrade@gmail.com](mailto:marianna.cbandrade@gmail.com)

## Resumo

O futebol comumente é pensado como um esporte feito para um público predominantemente masculino, tanto em campo quanto nas arquibancadas. Frente a isso, neste breve artigo, as mulheres são a bola da vez. O presente artigo, fruto de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento, tem como temática a inserção das mulheres nas torcidas organizadas, mapeando as potencialidades vivenciadas por elas, e as conquistas que ainda precisam ser feitas, devido às adversidades que encontram. Para tanto, vem sendo realizada uma etnografia com as mulheres que compõem a Gaviões da Fiel, a primeira torcida organizada de São Paulo e até hoje, a principal torcida vinculada ao Sport Club Corinthians Paulista, observando como as relações de gênero são experimentadas nas arquibancadas dos estádios e em outros espaços de socialização da agremiação. A etnografia vem sendo preparada em conjunto de uma consulta bibliográfica. Olhando assim, para a voz feminina desta história, que ainda apresenta poucos relatos, utilizando o gênero como uma categoria de análise para este fenômeno social, que é como o futebol pode ser visto no Brasil. Acreditando que o futebol não é apenas um esporte apartado da vida social, cultural e política, e por isso também é bastante atingido pelo machismo, racismo e lgbtfobia que cerca nossa sociedade. Visando assim, contribuir para o debate de gênero dentro do âmbito de um esporte profundamente enraizado na identidade nacional de nosso país.

**Palavras-chave:** Gênero; Futebol; Torcida Organizada; Gaviões da Fiel; Corinthians.

### 1. Introdução:

Mulher Corinthiana batalhando lado a lado  
Para os outros times esse time é embaçado  
Desde criança assistindo televisão  
Já fazia parte da torcida do Timão

Esse é meu time, meu time de Coração  
Sou torcedora, faço parte da nação  
Nação Corinthiana só tem sangue bom  
Somos uma família, uma família de irmãos  
(Mulher Corinthiana - G. R. E. S. Gaviões da Fiel)

O breve artigo busca de maneira inicial, compreender como se deu a inserção feminina nas arquibancadas, especialmente, dentro das torcidas organizadas de futebol. Desta forma, a finalidade é mapear quais são as dificuldades e as possibilidades encontradas pelas mulheres na construção das torcidas organizadas, utilizando como estudo de caso o Grêmio Recreativo e Escola de Samba Gaviões da Fiel Torcida. Isso

vem sendo feito através de uma etnografia com mulheres da torcida, de uma revisão bibliográfica sobre estudos feitos com mulheres da arquibancada para além da Gaviões da Fiel e com uma consulta bibliográfica pertinente sobre a temática de futebol e torcida organizada no Brasil. As informações aqui apresentadas, fazem parte de uma pesquisa de mestrado ainda em seu início.

Cabe destacar que a escolha do estudo de caso ser feito especificamente com a Gaviões da Fiel, advém do fato dela ser a primeira torcida organizada do Estado de São Paulo, e até hoje, a maior delas. Deste modo, há muitas produções acadêmicas no âmbito das Ciências Sociais em relação a agremiação, ou ao clube.

Além das produções, teses, dissertações e monografias sobre torcedores de futebol no geral serem cada vez mais crescentes no Brasil<sup>2</sup>, Bernardo Buarque de Hollanda (2015), constatou com suas pesquisas, que estudos focados nos Gaviões da Fiel acumulam-se desde pelo menos o final dos anos de 1970. Entretanto, é por notar uma ausência de relatos sobre as mulheres da Gaviões da Fiel, que lanço mão do gênero como uma categoria de análise para esta agremiação. O que não significa, que para a elaboração deste artigo, não me apoiarei em outras produções feitas sobre mulheres de torcidas organizadas de outras agremiações e clubes.

Assim, antes de falar especificamente das mulheres da Gaviões da Fiel, considero importante passarmos por algumas temáticas antes e são por elas que este artigo estará dividido: O surgimento das torcidas organizadas no Brasil, e como esse modo organizacional nas arquibancadas foi capaz de criar sentimentos e identificações coletivas, formando de ritos e rituais para quem nele faz parte. Posterior a isso, é necessário relembrar e entender em qual contexto histórico ocorreu a fundação da primeira torcida organizada do Estado de São Paulo. Analisar a história dos Gaviões da Fiel é entender o caráter contestatório que a agremiação carrega desde sua fundação, e as contradições inerentes a sua história e modo de organização. Para que finalmente assim seja possível dar voz às mulheres torcedoras, com sua importância histórica nas arquibancadas, e seus limites e dificuldades em compor a Gaviões da Fiel.

---

<sup>2</sup> Banco de dados montado pelo Laboratório de Educação e Patrimônio Cultural (LABOEP-UFF) referente a pesquisa sobre torcidas organizadas. Disponível em: <<http://www.laboep.uff.br/banco-de-dados/torcidas-de-futebol>>. Acesso em: 03 de Jul de 2019.

## **2. O surgimento das torcidas organizadas no Brasil como identidades coletivas:**

O futebol chegou no Brasil em 1894, quando Charles Miller, brasileiro filho de inglês, trouxe para o Brasil uma bola de futebol. O primeiro grande jogo que se tem registro foi realizado em 1899, entre os funcionários da empresa Nobiling contra os ingleses da Companhia de Gás de São Paulo e do Banco de Londres (Caldas, 1994, p. 42).

Já nas arquibancadas, no âmbito das torcidas, pode-se dizer que as coletividades de torcedores de futebol existem no Brasil desde 1940. Onde foram fundadas algumas das denominadas, “Torcidas Uniformizadas” dos clubes mais populares de São Paulo, formada em sua maioria por pessoas vinculadas aos clubes esportivos. Aqui, costuma-se identificar a torcida uniformizada do São Paulo Futebol Clube, como a pioneira entre estas organizações, fundada em 1942.

É pertinente observar de que modo estas torcidas estavam alinhadas ao arranjo institucional do futebol da época e as medidas que foram pensadas para normatizar o comportamento esperado do público, tentando colocá-lo em consonância com um esporte mais ligado com a classe-média e alta, pelo menos em seu início, como podemos ver na passagem a seguir,

Podemos constatar tal fato desde o ano de 1943 quando o jornal *A Gazeta Esportiva* e a *Rádio Gazeta* promoveram o primeiro campeonato das torcidas uniformizadas, iniciativa que buscava normatizar a conduta torcedora dentro dos estádios já que, desde então, distúrbios, entreveros e uma variedade de modalidades transgressoras ganhavam dimensão significativa enquanto um problema sério no futebol que se consolidava definitivamente como um evento de massa. (TOLEDO, 1999, p. 149).

Este modelo implementado pelas torcidas uniformizadas perdurou até anos 1970, quando outra modalidade de participação, bem mais popular, ganhou apelo entre os torcedores. Surgiam então, as torcidas organizadas, em um contexto que estava sendo caracterizado no futebol, com uma maior autonomização da juventude. As inspirações para as torcidas organizadas vinham de fora do país, um exemplo é a existência dos Ultras no futebol italiano ou dos Hooligans, na Inglaterra.

Luiz Henrique Toledo (1996) em seus estudos sobre futebol e metrópole entende o futebol como “fenômeno urbano e de massa em metrópoles como São Paulo”. A relação entre o surgimento das grandes cidades e os torcedores do futebol é bastante combinada, já que o futebol cria laços de amizade íntimos entre aqueles que partilham o mesmo clube. Estes laços estavam bastante fragilizados devido ao êxodo urbano rumo a estas nova metrópoles e até mesmo a grande vinda de imigrantes para o país, que ao chegarem em terras brasileiras estavam muitas vezes sem famílias e amigos (Sevcenko, 1994).

Uma das primeiras pesquisas que enfocam especificamente o fenômeno das torcidas organizadas foi elaborada pelo Instituto Gallup, e publicada nos jornais O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde, no ano de 1992. Sendo que entre os dados levantados, a maioria desses torcedores eram do sexo masculino, com idade entre quinze/dezesseis anos (Toledo, 1996).

Vale destacar que a proliferação das torcidas organizadas contribuiu exponencialmente para algumas mudanças dentro dos estádios e nas formas de torcer, como a necessidade de uma divisão nas dependências dos estádios. Em diversos locais foram criados os setores que conhecemos hoje como arquibancadas, local onde geralmente cabe a maioria do público de um estádio, sendo parte delas destinadas às torcidas organizadas durante os jogos. Estes espaços bastante tradicionais nos campos de futebol são objetos de defesa, pelos torcedores, até os dias atuais.

No domínio do futebol de espetáculo, segmentos de torcedores vinculados a clubes tradicionais têm reagido às mudanças nas arquiteturas dos estádios e nas formas tradicionais de torcer. Seguindo uma retórica da tradição, observa-se o fortalecimento da subcultura internacional ultra, irradiada originalmente da Itália nos anos 1970, e da sua luta contemporânea contra o chamado “futebol moderno” (HOLLANDA & TEXEIRA, 2017, p. 240).

Ser parte da torcida organizada é um evento simbólico, compondo parte importante dos sentimentos de individualização de jovens brasileiros, sentimento que é criado em cima de um jogo de identificações e diferenciações. Para Carlos Alberto Máximo Pimenta (2000) que estuda futebol no Brasil,

Entendo ser impossível falar de “torcedor” ou “torcida organizada” sem passar por questões políticas e simbólicas-culturais, ligadas ao processo de construção da identidade social do jovem brasileiro e, conseqüentemente, suas identificações e dimensões cotidianas, em que toma parte (PIMENTA, 2000, p. 41).

Vestindo o papel de torcedor, o cidadão comum passa a agir em função desse novo “ator social”, que é o torcedor organizado.

Toledo ainda explora um pouco a ideia do futebol e da torcida organizada como um produtor de identidades.

Descrever os usos dos espaços consiste em revelar a cidade na sua diversidade e heterogeneidade. As percepções da esfera pública por parte desse enorme contingente de torcedores, que afluem semanalmente aos estádios, devem ser apreendidas através das diferentes representações e apropriações que fazem desse domínio. Nesse sentido, há diferenças, sobretudo no nível das representações entre aquele indivíduo que se locomove até as praças esportivas a partir da Zona Sul e aquele que parte da Zona Leste. (TOLEDO, 1996, p. 136)

A ocupação do espaço urbano, o deslocamento dos bairros da periferia até a região central da cidade, fazer parte de um grupo, entre outras coisas, são ações que fazem parte da vida destes indivíduos, criando representações diferenciadas sobre os locais que habitam e sobre si próprios e, desta forma, moldando e sendo moldado subjetivamente pelo ato de torcer.

O torcer é um ritual coletivo presente nas arquibancadas, que dá ritmo e forma para ao que acontece dentro de campo. O que mostra que o futebol, enquanto esporte, lazer e até mesmo ritual, transborda a vida dos torcedores para além das quatro linhas. Ritual onde o torcedor não é alguém que está fora do jogo, mas sim que compõe a partida tanto quanto os jogadores, não existindo um sem o outro, como mostra Eduardo Galeano,

É raro torcedor que diz: “Meu time joga hoje”. Sempre diz: “Nós jogamos hoje”. Este jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos do fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música. (GALEANO, 2018., p. 15)

Em suma, podemos colocar que a ideia de uma torcida organizada em sua prática, constitui espaços diversos de pertencimento e reconhecimento diante do outro, são espaços de relações sociais significativas que dão sentido à vida de milhares de jovens em todo o país.

Além de tudo, é preciso não esquecer que o futebol cumpre sem dúvida um papel significativo para a memória que as classes populares preservam a respeito de sua própria trajetória social (Barros, 1978). Principalmente no âmbito das torcidas organizadas, convivendo com pessoas de classes sociais parecidas com as suas, criando identificações de vida, que vão para além do time em comum. Com isso, o futebol nunca foi apenas uma forma de divertimento mas também uma saída para os sofrimentos coletivos da vida nas grandes cidades (Simões, 2017).

Assim, passamos para o próximo tópico para conhecer a primeira e até hoje mais popular torcida organizada do Estado de São Paulo, e as marcas de “time do povo” que ela carrega consigo.

### **3. Os Gaviões da Fiel:**

Como visto no tópico anterior, o surgimento das torcidas organizadas se deu por volta do início da década de 1970, se pensarmos no contexto político, o Brasil viva em uma Ditadura Militar que assolava o país, e é no bojo deste movimento que vimos surgir a primeira agremiação torcedora de São Paulo, a Gaviões da Fiel, em 1969, objeto de estudo deste artigo.

Aqui, é preciso lembrar alguns fatos que motivaram alguns torcedores a se aglutinar em torno da criação dessa nova agremiação popular.

Como descrito no site oficial da entidade<sup>3</sup>, discutia-se naquela ocasião, por volta de 1969, a legitimidade do então presidente do clube, Wadih Helu, ligado ao partido da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), aliado à Ditadura Militar vigente na época, e que estava há aproximadamente 15 anos a frente do Sport Club Corinthians Paulista.

---

<sup>3</sup> <https://www.gavioes.com.br/>. Acesso em 03 de Jul. 2019.

Era necessário discutir então a coerência dessa gestão que permanecia há anos, pois todo esse descontentamento por parte da torcida já estava sendo formado desde 1965.

Uma reunião aqui, outra ali, e o grupo ia crescendo. Sendo que em alguns dias as reuniões se davam numa praça ou em alguma rua da capital. Tudo era discutido e decidido em grupo. A finalidade era de colaborar com a vida do clube, não só incentivando o time, mas também participando efetivamente da vida política e administrativa.

Logo no início ficou claro que esses jovens possuíam uma visão questionadora e participativa. Como exemplo disso, Bernardo Buarque de Hollanda (2015), conta que um dos nomes que constam no livro-ata de fundação da torcida, era o de Flávio de La Selva, estudante da faculdade de Direito do Largo São Francisco, que participava ativamente das passeatas estudantis em 1968, colocando-se de maneira explícita como contestador da Ditadura Militar.

É relevante correlacionar o surgimento dessas instituições torcedoras num contexto mais amplo de valorização das instituições populares num período em que os direitos políticos e a cidadania estavam cerceados pelo então regime militar. Seguindo um modelo autoritário no que concerne ao gerenciamento do futebol, grupo de torcedores mobilizaram-se em torno de instituições mais alternativas de participação nas franjas do futebol profissional. (TOLEDO, 1999, p. 152)

É interessante notar, que as torcidas organizadas, especialmente a Gaviões da Fiel, principalmente em seu primórdio, surge como uma vontade latente dos torcedores de se organizarem, não apenas nas arquibancadas enquanto assistem aos jogos, mas também fora dela, na máxima tentativa de participar ativamente de questões internas e políticas do time. Uma atitude extremamente necessária para o que vivia o futebol da época, que estava sendo devorado pelos interesses políticos da Ditadura Militar que ocorria no país.

A defesa de uma agenda unificada contra o “futebol moderno” permitiu a constituição de uma identidade coletiva, forjada na dinâmica da interação social. Esta tem viabilizado a superação de inimizades e a arbitragem de rivalidades agonísticas interclubes. (HOLLANDA & TEIXEIRA, 2017, p.241)



Desde a sua fundação, a torcida possui uma forte hierarquia interna, com estruturas deliberativas formais e até mesmo uma separação entre antigos e novos membros, sendo que os novos membros só são aceitos plenamente na torcida, ganhando direito de vestir a camisa da organizada, após um período de provas (Barros, 1978).

Em outubro de 1974, a Gaviões conquistava algo importante: a sede social, no bairro do Bom Retiro em São Paulo. Outra iniciativa importante para a popularização da torcida organizada foi em 1975, com o surgimento do bloco de carnaval da Gaviões da Fiel, que se tornou escola de samba em 1988, sendo que a torcida organizada e a escola de samba funcionam de maneira unificada até os dias atuais.

O grêmio Gaviões da Fiel nasceu como um sindicato, reclamando por participação e democracia: o sindicato da paixão corinthiana. A sua característica inicial era reivindicatória, evoluindo depois para se tornar um importante espaço de convívio e lazer entre seus associados. Acrescente-se a isso o fato de esse convívio ser potencializado por uma identidade em comum: “todos são corinthianos”. Numa cidade onde as alternativas de lazer, para determinada camada da população, são bastante limitada, o grêmio prosperou. E prosperou a ponto de reivindicar a participação no carnaval. (Costa, 2015).

Já em 1992, o Grêmio Gaviões da Fiel Torcida, confeccionou a carteirinha do associado de número 20 mil, o que a tornou a maior torcida de São Paulo, se mantendo assim até hoje. Para o presidente da torcida, as torcidas organizadas estavam sendo vistas como a “mania” do momento, o que explica o grande crescimento delas durante os anos de 1990.

O crescimento quantitativo das torcidas organizadas em princípios dos anos de 1990 intensificou as contradições internas e radicalizou suas transformações comportamentais. O aumento vertiginoso do número de sócios implicou na ampliação da representatividade das torcidas, que se autonomizou dos clubes e que se revestiram de um maior poderio simbólico e financeiro. (HOLLANDA, 2015, p. 30)

É nesta época, mais precisamente em 1997, que a Gaviões inicia um amplo processo de disputa com o Ministério Público de São Paulo pelo o direito da entidade seguir existindo. Pois neste ano o Ministério Público entra com o pedido de proibição da Gaviões da Fiel decisão considerada injusta e feita em articulação com os ex presidente da Federação Paulista de Futebol, Eduardo José Farah (Folha, 1997). Até os dias atuais, diversas punições são aplicadas contra a torcida, como a proibição de portar suas faixas durante os jogos.

O caráter contestatório existente no surgimento da torcida organizada, se mantém até os dias de hoje, com diversos protestos que dizem respeito tanto a ações que envolvam o clube, quanto em relação a outras pautas da sociedade. Como exemplo destes protestos, podemos citar: as faixas levantadas em 2016 criticando o horário dos jogos (Gaviões, 2016); os protestos, também em 2016, contra Fernando Capez (PSDB) e seu envolvimento com o que ficou conhecido como máfia das merendas (Mattoso, 2016) e as recentes declarações da diretoria da entidade contra o atual presidente Jair Bolsonaro, durante o período eleitoral. (Gaviões, 2018).

Para os seus membros, a importância de ser da torcida é tamanha que Costa (2015), coloca a Gaviões como um exemplo de cordialidade, parafraseando Sérgio Buarque de Hollanda (2014), que vê na essência do homem brasileiro o ser cordial. O autor analisa que os laços excludentes e frágeis presentes no futebol oficial são quebrados dentro da torcida. criando inclusive sentimentos de paixão, solidariedade e cordialidade.

Assim, o homem cordial que seria o protótipo brasileiro fruto de contradições históricas da história de nosso país, encontrou no futebol a base ideal para expressar suas emoções. Aqui, eu questiono então, até que ponto podemos falar que todo esse sentimento de reconhecimento e pertencimento é capaz de abarcar as mulheres da torcida? São esses e outros questionamentos que o próximo item pretende debruçar suas reflexões, ainda que sem pretensão nenhuma em esgotar o assunto e suas reflexões.

#### **4. Lugar de mulher é na arquibancada:**

Para iniciar este tópico, é necessário lembrar antes de tudo, que na nossa sociedade, basicamente tudo o que é vivido constituem vivências diferentes entre os homens e as

mulheres, devido aos papéis sociais distribuídos para cada um ao longo da história. Tal fato está diretamente relacionado ao porquê deste artigo colocar as mulheres das torcidas organizadas como objeto de estudo, colocando o gênero como uma forma de análise dentro de estudos sobre futebol e torcidas organizadas.

Joan Scott (1995) historiadora estudiosa na temática de mulheres sobre uma perspectiva de gênero, aponta a forma pelo qual o termo é entendido “Na gramática, gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes” (Scott, 1995, p. 72). Acrescenta também a historicidade do termo dentro das pesquisas em Ciências Sociais “Esse uso do termo gênero constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80.” (Scott, 1995, p. 75). Desta forma, estudar relações de gênero, ou divisões por gênero dentro de um fenômeno social, é compreender que existem traços inerentes que distinguem como homens e mulheres promovem a sua vivência social, com o gênero se constituindo como uma categoria analítica fundamental na compreensão das relações sociais.

Judith Butler (2003), outra filósofa estudiosa da temática, faz um adendo sobre como gênero pode ser visto dentro da academia e das Ciências Sociais, mas também como ele é visto em outras análises:

Embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um “fator” ou “dimensão” da análise, ele também é aplicado a pessoas reais como uma “marca” de diferença biológica, linguística e/ou cultural (BUTLER, 2003, p. 28).

Assim, ser de determinado gênero não é apenas uma questão secundária para os indivíduos, mas o cerne constitutivo dessas pessoas.

Olhar para o gênero a partir de uma visão que reconhece o seu próprio gênero é, nos termos de Haraway (1995), construir um “saber localizado”. A objetividade das Ciências Sociais para a autora, emerge a partir das diferentes perspectivas parciais. É situar quem pesquisa e o que se pesquisa que nos permite termos uma visão mais

abrangente de determinado fenômeno. Isto não é relativizar os fenômenos sociais, mas situá-los em seus diferentes pontos de vista possíveis, sendo que apagar as diferenças de gênero é ter uma visão dominadora e auto centrada.

Tendo exposto então o porquê do recorte de gênero para este artigo, caminhamos para o papel dos torcedores dentro das partidas, pois essa é uma história que necessita ser retomada. Tudo começou quando em 1906, o jornal O Estado de São Paulo, começou a usar a palavra “torcedora”, substantivo feminino, em aspas, o que mostrava uma certa novidade neste termo.

As torcedoras, eram mulheres que iam ao estádio assistir jogos, por conta das altas temperaturas, mas também pelo nervosismo do jogo, tiravam as luvas e torciam em gesto de angústia. Desde então, o termo ficou conhecido e foi designado para fazer referência às pessoas que estavam nas arquibancadas.

Vemos assim, que era comum a presença da mulher nas torcidas, que frequentava as arquibancadas e gostava de assistir aos jogos de futebol tanto quanto os homens. De modo mais transgressor ou não, as mulheres estão presentes no futebol brasileiro há muito tempo, indo a estádios, acompanhando campeonatos, noticiários e afins.

Henrique Maximiano Coelho Netto, escritor, contou em uma crônica intitulada “as meninas da arquibancada do Fluminense”, no início do século 20, um pouco da história do termo “torcedoras”. O site oficial do Fluminense<sup>4</sup> corrobora a versão de Coelho Netto:

Pois foi esse importante personagem [Coelho Netto] o responsável pela criação do termo 'torcida', que hoje serve para designar quem simpatiza com este ou aquele clube. Observador atento, Coelho Netto notou que quando o time atacava ou era atacado, as mulheres que compareciam aos jogos, com seus belos e quentes vestidos rendados, num misto de ansiedade, calor e nervosismo, empunhando sombrinhas, torciam suas luvas e lenços encharcados de suor. Em uma de suas colunas após um dos jogos, Coelho Netto chamou essas mulheres de 'torcedoras'. Pronto, estava criado o termo que até hoje é símbolo da paixão clubística. Em seguida, ganhou similar masculino (FILHO, 2017).

---

<sup>4</sup> Ver em: <http://www.fluminense.com.br/site/>. Acesso em: 05 de Jul. de 2019.

Apesar do termo ter início em sua conjugação no feminino, graças às mulheres das arquibancadas, os desafios que significam o torcer para as mulheres foram se complexificando com o passar do tempo, dentro e fora de campo. Um exemplo disto pode ser visto na proibição que o futebol feminino sofreu em sua história, durante a década de 1940, tendo como uma das justificativas a visão de que as mulheres deveriam permanecer apenas do lado de fora do campo.

De modo geral, não houve sensibilidade para compreender a entrada das mulheres em campo como uma decorrência da popularização do futebol entre nós. Todas as reações a esse movimento, como se viu, foram no sentido de colocá-las "no seu devido lugar", banindo-as de dentro das quatro linhas, espaço próprio ao homem. Para elas, futebol só da arquibancada, e ainda assim em lugares reservados, como se fossem guetos na torcida. Neste caso, sua presença nos estádios não só era saudada como estimulada pela imprensa. A relação tolerada das mulheres com o futebol funcionava assim como metáfora de sua posição na sociedade brasileira da época, já que nesta seu papel não era muito diferente de ficar nos reservados da assistência, vendo os homens "construírem a nação" (FRANZINI, 2005).

Apesar da presença das mulheres na arquibancada sempre ter existido no futebol, a mídia no início se apropriou para sexualizar a mulher neste contexto, associando as mulheres na arquibancada à beleza e à elegância. Mesmo com esta visão sexualizada do corpo feminino, ir aos estádios foi de suma importância para as mulheres vivenciarem relações sociais para além do ambiente doméstico.

Desde o início do século XX, mesmo que a prática esportiva não lhe fosse recomendada, assistir às disputas de remo, às corridas de cavalo e aos jogos de futebol possibilitava à mulher experimentar o mundo para além dos domínios da casa. O futebol, assim como outras modalidades esportivas, proporcionou à mulher uma das raras oportunidades de exposição e entrada nos espaços públicos. Mas se o futebol foi útil para a mulher, o público feminino também foi muito importante para o estabelecimento desse esporte em terras brasileiras. (COSTA, 2007, p.7)

A participação feminina nas arquibancadas e principalmente nas torcidas organizadas, atualmente, ainda enfrenta muita dificuldade e preconceito, pois apesar do considerável crescimento nos últimos anos, as torcidas organizadas ainda são majoritariamente controladas por homens. Um exemplo disso está no fato de algumas

torcidas organizadas impedirem que as mulheres façam parte do departamento de bandeiras e patrimônios. É comum também a imposição da presença delas em algumas caravanas ou jogos e é praticamente nula a presença feminina na presidência das torcidas organizadas.

Ainda no âmbito das torcidas organizadas, apesar da presença feminina sempre ter sido menor nos estádios em relação a masculina, houve uma queda na participação delas dentro das torcidas organizadas, sobretudo nos anos de 1980, com o aumento da fama e imagem das organizadas associado a violência e “baderna”.

Associar a diminuição da frequência feminina nos estádios à presença das torcidas organizadas parte do pressuposto de que haveria uma certa incompatibilidade entre as torcidas organizadas e o público feminino de futebol. Por serem compreendidas e, muitas vezes, elas mesmas se mostrarem como espaços de exaltação de masculinidades e de condutas brutas, conjectura-se que esses agrupamentos tanto criariam obstáculos para a participação feminina assim como as próprias mulheres se sentiriam pouco inclinadas a participarem desses grupos (COSTA, 2007, p. 11).

Entretanto, o cenário que temos hoje em dia é totalmente diferente, uma vez que o número de mulheres nas torcidas brasileiras aumentam a cada ano. A última pesquisa do IBOPE sobre este tema, feita em 2003, aponta que cerca de 50% da torcida corinthiana é feminina (Larozza, 2015). Porém, vemos nos estádios que esses números não condizem com a arquibancada e alguns relatos demonstram que homens e mulheres têm direitos diferentes dentro da torcida, como já apontamos anteriormente, apesar delas serem cerca de 40% dos sócios da Gaviões, que conta hoje com mais de 100 mil afiliados (Daga, 2017)<sup>5</sup>.

Mesmo que, o recorte deste artigo seja na torcida organizada da Gaviões da Fiel, é necessário antes de tudo pautar a sociabilidade da mulher torcedora nas arquibancadas de todo o Brasil, pois com toda certeza o problema do machismo nos estádios não começa dentro da Gaviões da Fiel, tampouco termina nela. Como dito no início deste artigo, as informações aqui expostas, fazem parte de uma pesquisa de mestrado ainda

---

<sup>5</sup> Importante destacarmos que em 50 anos de história, nenhuma mulher foi presidenta da torcida organizada. O principal espaço deliberativo da entidade é seu conselho deliberativo, sendo ele parte composto por membros vitalícios e outra parte por conselheiros eleitos pelos membros da torcida, com mandatos tri anuais. Na atual gestão todos os 20 conselheiros eleitos, são homens.

em seu início, com a etnografia em conjunto com bibliografias sobre o tema, tenho buscado cada vez mais compreender e analisar experiência das mulheres nas arquibancadas, ainda que exposta de maneira prematura neste texto.

Vale destacarmos que recentemente algumas medidas de combate ao machismo estão sendo tomadas pelos clubes de futebol, entre eles o Corinthians. Exemplos podem ser vistos na ação chamada de #TemSaída (Carta, 2019)<sup>6</sup> e outra em que o time de futebol masculino do clube utiliza em seu uniforme o *slogan* “Respeita as Mina” (Metro Jornal, 2018).

Fazendo um recorte para além da Gaviões da Fiel ou do Corinthians, é importante dizer que o debate do machismo vem sendo cada vez mais cobrado pelas mulheres torcedoras, para que seja feito no futebol brasileiro como um todo, aqui destaco também uma ação recente do Esporte Clube Bahia, sob a campanha que usa a hashtag #MeDeixaTorcer (Globo Esporte, 2019) o clube incentiva que as torcedoras denunciem qualquer caso de assédio que tenha sofrido dentro dos estádios, e além disso oferece informações sobre a Ronda Maria da Penha, orientações para quem se sentir assediada e estatísticas sobre o tema. Na página, ainda é possível que mulheres que foram assediadas deixem seus relatos. Claramente, a criação desta campanha foi feita apenas após uma torcedora fazer um relato em suas redes sociais sobre ter sido assediada em um jogo do Bahia na Arena Fonte Nova.

Pouco a pouco podemos perceber que nos últimos tempos, tem sido cada vez mais difícil sustentar a ideia de que “futebol é coisa para macho”.

Quase que como um símbolo que se representa a si mesmo, o futebol diz muito o que se pensa que se sabe sobre ele na exata medida em que se projetam extensões de subjetividades masculinas hegemônicas, acolhidas nos manejos do jogo, no seu linguajar e gestualidades, nos modos de ser observados no convívio entre torcedores, no contato físico imposto por suas regras e técnicas da perspectiva de quem o pratica no sentido de buscar a mimese competitiva, nas relações promíscuas que desde sempre estabeleceu com as esferas de poder, locus das hierarquias de gênero. (TOLEDO & CAMARGO, 2018, p. 95)

---

<sup>6</sup> Carta assinada por Corinthians, São Paulo, Palmeiras, Prefeitura de São Paulo, Ministério Público, Tribunal de Justiça, OAB-SP e ONU-Mulheres incentivando o combate à violência de gênero.

De forma mais ou menos transgressora vemos que as mulheres estão presentes no futebol brasileiro não é de hoje, e cada vez mais de forma contestadora: jogam futebol, assistem futebol, comentam, produzem conteúdo sobre o tema, entre outras coisas. Aqui destaco também, atitudes vindas de torcidas de outros times, nesse combate constante à um futebol que apenas exalta masculinidades, e pela luta por igualdades nas arquibancadas, em 2013, surgia a Galo Queer<sup>7</sup>, e com essa iniciativa outros coletivos como Cruzeiro Maria, Palmeiras Livre, foram sendo criados pelo país para combater a misoginia, homofobia e lutar pelos direitos das mulheres e das pessoas da comunidade LGBTQ. Com fim de que as arquibancadas sejam um espaço democraticamente dividido entre todos. (Leide Botelho, 2019)

Ainda no futebol mineiro, entre as torcedoras do Cruzeiro, partindo do propósito de ressignificação, existe o Podcast das Marias (arquivo digital de áudio transmitido via internet) que foi criado com o propósito de colocar mulheres para discutir sobre futebol. Mulheres torcedoras que seguem este trabalho buscando fortalecer a presença feminina e encorajar outras torcedoras a irem ao estádio.

Em que pese todas as discussões expostas neste artigo, feitas de maneira breve ou inicial, já podemos considerar algumas questões: A primeira delas é que fazer um contra-ataque às narrativas consideradas hegemônicas por muito tempo, como a de que mulher não tem espaço no futebol, tem sido cada vez mais importante para firmar os diversos espaços que as mulheres ocuparam e seguem ocupando no futebol.

O problema da multiplicidade ou das perspectivas de apropriação dos futebolis dentro do Futebol é (e sempre foi) inerente à sua prática, quer amadora (lúdica) ou espetacular (profissional), e visibilizar as múltiplas insurgências em seu interior seria perceber um movimento de dentro, que se projeta intensamente a partir de novos agentes, os quais ousam reivindicar a prática como índice de empoderamento, de novos identitarismos, do/no futebol e nos esportes. (TOLEDO & CAMARGO, 2019, p. 106)

Assim retomar historicamente, trazendo até os dias atuais que estes espaços pertencem também as mulheres, é um caminho, ainda que longo, para a diminuição dessas desigualdades dentro e fora de campo, sem o intuito de esgotar ou trazer um

---

<sup>7</sup> GaloQueer surge como um movimento anti-homofobia e anti-sexismo no futebol, criado por torcedores do movimento Galo Doido.



ponto final para essa longa discussão, contribuindo para que nunca deixemos de questionar e discutir as relações de gênero experimentadas dentro do futebol.

### **Referências Bibliográficas:**

BARROS, Sérgio M. P. de. Os Gaviões da Fiel: torcida organizada do Corinthians. **Revista Adm. de Empresas**. São Paulo, v. 18, n. 2, 1978

BOTELHO, Leide. A presença das torcedoras nas arquibancadas dos estádios de futebol na capital mineira. In: LIMA, Cecília Almeida Rodrigues, BRAINER, Larissa, JANUARIO, Soraya Barreto. (Orgs). **Elas e o futebol**. João Pessoa: Editora Xeroca, 2019.

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista da USP**, São Paulo, n. 22, 1994.

CARTA aberta aos torcedores e torcedoras - #TemSaída. **Corinthians**. 17 de Janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.corinthians.com.br/carta-aberta-aos-torcedores-e-torcedoras-temsaida>>. Acesso em: 05 de Jul. de 2019.

COSTA, Andre L. A organização cordial: ensaio da cultura organizacional do grêmio Gaviões da Fiel. In: HOLLANDA, Bernardo B.; NEGREIROS, Plínio L. (Org.). **Os Gaviões da Fiel Ensaio e Etnografias de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2015.

COSTA, Leda M.. O que uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e sociedade**, n.4, p.1-31, 2007.

DAGA, Bianca. Elas já são 40% dos sócios da Gaviões da Fiel, mas ainda precisam lutar contra o veto de encostar em bandeira e tocar bateria. **ESPN**, 2017. Disponível em: <[http://www.espn.com.br/noticia/733641\\_elas-ja-sao-40-dos-socios-da-gavioes-da-fiel-mas-ainda-precisam-lutar-contraveto-de-encostar-em-bandeira-e-tocar-bateria](http://www.espn.com.br/noticia/733641_elas-ja-sao-40-dos-socios-da-gavioes-da-fiel-mas-ainda-precisam-lutar-contraveto-de-encostar-em-bandeira-e-tocar-bateria)>. Acesso em: 05 de Jul. 2019

FILHO, Paulo César. Sobre a origem da palavra torcedor. **Jornalheiros**. 14 de Agosto de 2017. Disponível em: <<http://jornalheiros.blogspot.com/2017/08/sobre-a-origem-da-palavra-torcedor.html>>. Acesso em: 05 de Jul. de 2019.

FOLHA. Gaviões culpa Farah por pedido de extinção. **Folha On-line**. 17 de Novembro de 1997. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fof/esp/s2044146.htm>>; Acesso em: 01 de Fev. 2019.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Rev. Bras. Hist.** vol.25 no.50 São Paulo July/Dec. 2005.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**: Tradução: Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2018.

GAVIÕES. Nota oficial: protesto realizado no jogo Corinthians e Capivariano. **Gaviões da Fiel**, 2016. Disponível em: <<https://www.gavioes.com.br/nota-oficial-protesto-realizado-no-jogo-corinthians-x-capivariano/>>. Acesso em: 05 de Jul. 2019.

\_\_\_\_\_. Nota oficial: posições dos gaviões da fiel sobre candidato antidemocrático. **Gaviões da Fiel**, 2018. Disponível em: <<https://www.gavioes.com.br/nota-oficial-posicao-dos-gavioes-da-fiel-sobre-candidato-antidemocratico/>>. Acesso em: 05 de Jul. 2019.

GLOBO, Esporte. Após caso de assédio na Arena Fonte Nova, Bahia cria site e incentiva mulheres a denunciar. **Globo Esporte**, 2019. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/ba/futebol/times/bahia/noticia/apos-caso-de-assedio-na-arena-fonte-nova-bahia-cria-site-e-incentiva-mulheres-a-denunciar.ghtml>>. Acesso em: 19 de Jul de 2019.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. n.5, Campinas, 1995.

HOLLANDA, Bernardo B.; NEGREIROS, Plínio L. (Org.). **Os Gaviões da Fiel Ensaios e Etnografias de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2015.

HOLLANDA, Bernardo B. & TEIXEIRA, Rosana da C.. Associativismo juvenil e mediação política: As torcidas organizadas de futebol no Brasil e a construção de suas arenas públicas através da FTORJ e da ANATORG. **Revista Antropolítica**, n. 42, Niterói, 2017.

LAROZZA, Felipe. Mulheres Organizadas. **Vice Sports**, 2015. Disponível em: <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/4xgbzj/mulheres-organizadas](https://www.vice.com/pt_br/article/4xgbzj/mulheres-organizadas)>. Acesso em: 05 de Jul. 2019.

MATTOSO, Camila. Corinthians protestam contra “ladrão de merendas” e pedem contas do estádio. **Folha de São Paulo**. 16 de março de 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2016/03/1750846-corinthians-protestam-contraladrao-de-merenda-e-pedem-contas-do-estadio.shtml>>. Acesso em: 05 de Jul. 2019.

METRO JORNAL. Jogadores do Corinthians entrarão em campo com a frase ‘respeita as mina’ na camisa. **Metro Jornal**, 6 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.metrojornal.com.br/esporte/2018/03/06/jogadores-corinthians-entrarao-e-m-campo-com-frase-respeita-mina-na-camisa.html>>. Acesso em: 05 de Jul. de 2019.

PIMENTA, Carlos A. M.. Torcidas organizadas de futebol: Identidades e identificações, dimensões cotidianas. **Revista São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, 2000. p. 122-128.

SIMÕES, Irlan. **Clientes versus Rebeldes Novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatino. **Revista USP**. São Paulo, n. 22, 1994.

TOLEDO, Luiz H.. A Cidade das Torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. In.: MAGNANI, José G. C.; TORRES, Lilian de L. (Org.). **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1996.

TOLEDO, Luiz H.. A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados de torcer. In: DA COSTA, Márcia R. (org). **Futebol espetáculo do século**. São Paulo: Musa, 1999.

TOLEDO, Luiz H. & CAMARGO, Wagner. Futebol dos futebóis: dissolvendo valências simbólicas de gênero e sexualidade por dentro do futebol. **FuLIA/UFMG**, v. 3, n.3. Minas Gerais, 2018.